



A lógica de trabalho dos agricultores da feira dos orgânicos de Belém do Pará como antítese da lógica de trabalho do sistema capitalista

The work of the farmers of the organic fair of Belém do Pará as an antithesis of the work logic of the capitalist system

FIGUEIREDO, Leonardo¹; DO AMARAL, Ana Júlia²; HASSEGAWA, Julia³; DA ROSA, Carla Lorena Sandim⁴; SIMÕES, Aquiles⁵

¹Universidade Federal do Pará, leonardofigueiredo160@gmail.com; ²Universidade Federal do Pará, ajulia@ufpa.br; ³Universidade Federal do Pará, julia.moura@icb.ufpa.br; ⁴Universidade Federal do Pará, lorena.sandim@hotmail.com; ⁵Universidade Federal do Pará, moinayunah@gmail.com

Eixo temático: Economia dos Sistemas Agroalimentares de Base Agroecológica

Resumo: É indiscutível que com o surgimento e o desenvolvimento do sistema econômico capitalista ocorreram grandes alterações em diversos aspectos da vida social a nível global, entre esses, o *trabalho*. Dentro dessa perspectiva objetiva-se neste escrito abordar a lógica de trabalho que se configura com o modelo de sistemas agroalimentares de base agroecológica, desde a atividade produtiva à comercialização através dos sistemas curtos de comercialização, a partir da experiência dos agricultores membros da associação Pará Orgânico, que vendem seus produtos na Feira dos Orgânicos em Belém do Pará. Para tanto, procedeu-se à pesquisa em loco, através de entrevista semiestruturada. Desse modo, observou-se que os agricultores orgânicos possuem diferenciações acerca da lógica de trabalho convencional, por possuir autonomia para desempenhar suas atividades, dentre outras características, nos permite concluir que a lógica de trabalho dentro deste tipo de economia é diferenciada do sistema capitalista.

Palavras-chave: Economia Solidária; capitalismo; camponeses.

Introdução

É indiscutível que com o surgimento e o desenvolvimento do sistema econômico capitalista ocorreram grandes alterações que proporcionaram modificações em diversos aspectos da vida social a nível global, entre esses, o *trabalho*, atividade mediadora do produto histórico.

De acordo com Karl Marx (2017) o trabalho é uma atividade exclusiva da espécie humana, em que o homem transforma a natureza para satisfazer necessidades socialmente determinadas e de forma previamente idealizada.

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente, antes de construí-lo em cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo e, portanto, idealmente, ou seja, um resultado que já existia idealmente (MARX, 2017, p. 255-256).



Devido as modificações trazidas pelo sistema capitalista, o trabalho deixa de ser apenas uma atividade orientada à um fim (tais quais eram em sociedades menos complexas) e passa a ser também um processo social de produção que deve ser entendido dentro de contextos sociais na qual ele ocorre.

Diferentemente das sociedades anteriores a sociedade capitalista (MARX, 2010) simplifica as classes sociais em duas: burguesia e proletariado. A burguesia é aquela que detém os meios de produção e que compra a força de trabalho da outra classe, o proletariado e, a partir disto a relação de trabalho sofre diversas modificações.

Agora, na sociedade capitalista, o trabalhador não mais participa de todo o processo produtivo, não consome o que produz, sua força de trabalho não é sua, mas daquele que detém os meios de produção e que pode comprá-la. Bem como o que resulta de seu trabalho também não origina de suas vontades, sua produção está direcionada à um mercado onde não é ele que vende, ou seja, o trabalho e os resultados deste, no sistema capitalista são alienados ao trabalhador (MARX, 2010).

Em contrapartida, outras lógicas de trabalho e de comercialização do que se produz coexistem, em antítese da lógica de trabalho do sistema capitalista, como é o caso dos trabalhadores camponeses que de acordo com Costa (2006) apesar das imposições do imperialismo capitalista continuam se mantendo.

A produção camponesa é aquela em que a família ao mesmo tempo detém a posse dos meios de produção e realiza o trabalho na unidade produtiva, podendo produzir tanto para o consumo próprio quanto para o mercado (AMARAL, 2015). A especificidade do sistema de produção camponesa que combina propriedade ou posse dos meios de produção e a realização do trabalho estão na base da racionalidade da produção camponesa, eixo central da teoria de Alexander Chayanov (1981).

Organizada pela associação Pará Orgânico, a Feira dos Orgânicos acontece na Praça Brasil, em Belém do Pará, todas as quartas-feiras e aos sábados, das 08:00 às 12:00h e conta com pelo menos 20 agricultores (as) camponeses (as) que viram no associativismo (MIRANDA, L.F, 2019- Agricultor orgânico- Entrevista de campo) uma possibilidade de se unir a outros agricultores, bem como de poder escoar sua produção de alimentos.

Desse modo, o objetivo do presente artigo¹, é abordar a lógica de trabalho que se configura com o modelo de sistemas agroalimentares de base agroecológica, desde a atividade produtiva à comercialização através dos sistemas curtos de

¹ Desenvolvido no âmbito do NEA GEDAF: Teias de Inovação Agroecológica e Desenvolvimento de Sistemas Agroalimentares com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e dos órgãos financiadores da Chamada CNPq 21/2016, a saber: MAPA, MCTIC, MEC e SEAD – Casa Civil.



comercialização, a partir da experiência dos agricultores membros da associação Pará Orgânico, que vendem seus produtos na Feira dos Orgânicos da Praça Brasil em Belém do Pará.

Metodologia

A metodologia utilizada para a construção do presente artigo foi a pesquisa em loco na feira dos orgânicos que foi criada em 2009, localizada na praça Brasil, no município de Belém- PA. Em que primeiramente fizemos o contato prévio com os agricultores explicando o objetivo da nossa pesquisa. Tendo resposta positiva dos agricultores utilizamos como ferramentas de pesquisa a entrevista semi- estruturada (BRUMER et., al, 2008) com 9 agricultores² com perguntas sobre seus modos de produção, renda e relação dos mesmos com o seu trabalho e a observação local baseada na leitura de OLIVEIRA (2000) olhar, ouvir e escrever para sistematizar as informações adquiridas.

Resultados e Discussão

Constatamos que a lógica de trabalho dos agricultores camponeses que atuam na Feira dos Orgânicos em Belém possui aspectos antagônicos aos da lógica de trabalho do sistema capitalista. Ele não está submetido a extração da *mais-valia*, uma vez que estes trabalhadores são donos das terras em que produzem e dos materiais utilizados na produção, ao passo que no sistema capitalista, de acordo com Marx (2017) o ponto de partida da produção é separar o produtor dos meios de produção. O que significa, portanto, que toda renda obtida com a venda dos alimentos produzida ficará com os trabalhadores.

Quando perguntado se o trabalho que eles desempenham lhes proporciona autonomia, a resposta “sim” foi unânime. Como eles não vendem sua força de trabalho ao capitalista, eles definem o seu próprio tempo de trabalho, bem como defendem também o quê e como irão produzir.

A produção de alimento desses agricultores não é baseada em monoculturas, como grande parte dos setores de produção capitalista, pelo contrário, é diversificada, como apresentado no quadro 1, em que cada agricultor tem mais de um produto a ser comercializado. Como aponta Altafin (2007) a diversificação de culturas configura-se como parte da estratégia adotada pela família camponesa, que tem na combinação com a criação de animais sua alternativa de fertilização dos solos e melhoria na produtividade dos cultivos. Como “tem se dito que a economia camponesa se caracteriza por formas extensivas de ocupação autônoma (ou seja,

² Através do NEA- GEDAF (possuímos cadastro no SISGEN (Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado) para respaldar nossas pesquisas que utilizam o conhecimento tradicional dos sujeitos pesquisados.



trabalho familiar), pelo controle dos próprios meios de produção, economia de subsistência e qualificação ocupacional multidimensional” (SHANIN, 2005, p. 3).

Agricultor (n)	Alimentos Produzidos e Comercializados	Há quanto tempo produzem alimentos orgânicos (certificação)	Porque decidiram produzir alimentos orgânicos (motivação)
Agricultor 1	Plantas ornamentais, frutíferas, medicinais, leguminosas, cheirinho	Há 30 anos	(Não respondeu)
Agricultor 2	Feijão, rúcula, banana, cheiro-verde, acará, pepino, cebolinha, agrião, salsa, mostarda, mamão, alface, hortelã, gengibre	Há 14 anos	“Não agride o meio ambiente, produto saudável, tem consumidor” (NEVES, N. M).
Agricultor 3	Galinha caipira, ovos, pomadas, shampoos e sabonetes íntimos	Há mais de 10 anos	“Plantava e não sabia que era orgânico” (NUNES, G. S).
Agricultor 4	Cheiro-verde, alface, couve, salsa, chicória, rúcula, cebolinha, jambú, pupunha, batata doce, gengibre, banana, mamão, agrião, espinafre.	Há 13 anos	“mais saúde para o consumidor e para o trabalhador, porque não utiliza veneno” (PEREIRA, J. M).
Agricultor 5	Geleia, mel (produtos de origem apícola), biscoitos integram	Há 26 anos	“Além do sustento, ter uma alternativa de produção que seja mais sustentável” (MARRON, P).
Agricultor 6	Hortaliças, frutas, galinha caipira, ovos	Há 20 anos	“Produção saudável para minha proteção e o valor agregado” (MENDES, M).
Agricultor 7	Hortaliças, (folhas e frutos) /produtos que trabalha no inverno e no verão	Há 10 anos	“Qualidade da alimentação” (OLIVEIRA, P. S. de).
Agricultor 8	Hortaliças, frutas, raízes (batata-doce e macaxeira)	Há 13 anos	“Alimentação saudável” (PEREIRA, M. J. P).
Agricultor 9	Envasados, adubo orgânico, húmus de minhoca	Há 18 anos	“Não conhecia e nem tinha dinheiro para química. Proporcionar boa saúde” (MIRANDA, A. M).

Quadro 1. Alimentos e produtos produzidos e comercializados pelos agricultores na feira do orgânico, Belém- PA.

Fonte: Dados de pesquisa de campo, (2019) – NEA- GEDAF.

Referenciando Marx (2010) no modo de produção capitalista o trabalho é alienado, ou seja, o trabalhador não se reconhece na atividade que realiza, não participa de todo o processo de produção e não tem acesso ao produto de seu trabalho, no modelo econômico dos sistemas agroalimentares de base agroecológica podemos dizer que a relação de trabalho não compartilha deste fenômeno. Para entendermos o porquê, devemos levar em consideração três fatores:

- i) os agricultores se veem em seu trabalho e o percebem como essencial para sua existência, a exemplo disso foi quando perguntamos sobre o que o trabalho desempenhado por eles significava e obtivemos, entre muitas respostas: “meu trabalho é minha vida, eu gosto de trabalhar” (MENDES, M, H, A, Agricultor orgânico- dados de campo, 2019);



- ii) se reconhecem em seu trabalho materializado (o produto), que é o alimento que produzem, pois, participaram de todo o processo de produção, desde a preparação do solo, passando pelo plantio, colheita, transporte até a venda;
- iii) produzem não somente para a venda objetivando a obtenção de lucros, mas também para o autoconsumo, pois, na economia solidária, de acordo com Singer (2002) sua finalidade básica não é maximizar lucro, mas a quantidade e a qualidade do trabalho.

Os agricultores ou alguém de sua família, que participe da produção é quem vende os alimentos, viabilizando uma relação direta entre produtor e consumidor, gerando em muitos casos uma relação de amizade entre estes, “é uma relação de amizade, alguns clientes já se tornaram amigos, parceiros mesmo” (OLIVEIRA, P. S, 2019- Agricultor orgânico), e isto traz a noção tanto para quem compra quanto para quem vende de que a relação venda e compra é mais que uma relação entre troca de mercadorias (dinheiro- alimento), mas sim uma relação entre pessoas.

Desse modo, nesta lógica, o trabalho é orientado para a produção de alimentos mais saudáveis, que preza pela qualidade do alimento e não pela quantidade, ou seja, é orientado para uma perspectiva ecologicamente sustentável aproveitando tudo o que é produzido pelo agricultor.

Conclusões

Dado o exposto, podemos apontar que a lógica de trabalho dos agricultores que vendem seus produtos alimentícios na Feira dos Orgânicos em Belém, lhes permite autonomia, não há a extração da mais-valia, não é um trabalho estranho ao trabalhador e, a relação entre produtor e consumidor não é uma relação entre mercadorias, mas uma relação entre pessoas. Bem como, é uma forma de resistência mediante as imposições do capitalismo imperialista e predatório, ao passo que, a lógica de trabalho dentro da economia de sistema agroalimentares de base agroecológica tem mais a preocupação com a qualidade dos alimentos que produzem e menos a finalidade única de obter lucros.

Referências bibliográficas

ALTAFIN, I. **Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar**. Brasília: CDS/UnB, 2007.

AMARAL, A. J. M. S. do. **A dinâmica dos sistemas de produção camponeses no município do Acará- PA: um estudo a partir do papel das associações**. Monografia (especialização) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural, Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, Belém, 2015.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



BRUMER, A et. al. A elaboração de projeto de pesquisa em ciências sociais. In: GUAZZELLI, C. A.; PINTO, C.R. J. B. (Org). **Ciências humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. p. 125- 147.

CHAYANOV, A. V. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. **A questão agrária**. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 134-163.

COSTA, G. S. **Desenvolvimento Rural Sustentável Com Base no Paradigma da Agroecologia**. Belém UFPA/NAEA, 2006.

MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosófico**. São Paulo. Boitempo, 2010.

MARX, K. ENGELS, F. **Manifesto Comunista**. 1. Ed. São Paulo. Boitempo, 2010.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. Livro I. 2ª. Ed. São Paulo. Boitempo, 2017.

OLIVEIRA, R. C. de. O Trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp: paralelo15, 2000.p. 17-35.

SHANIN, T. A definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista. **Revista NERA Presidente Prudente** Ano 8, n. 7 pp. 1-21 jul./dez. 2005.

SINGER, P. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In: Boaventura de Sousa Santos (org.). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.